

## O IMPACTO DA PARTICIPAÇÃO FAMILIAR NO DESEMPENHO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA FRENTE A PANDEMIA COVID 19

### THE IMPACT OF FAMILY PARTICIPATION ON THE PERFORMANCE OF CHILDREN WITH PHYSICAL DISABILITIES FACING THE COVID 19

Patricia Rosendo dos SANTOS<sup>1</sup>; Renata Camargo FREZZATO<sup>2</sup>

1. *Graduanda em Fisioterapia; Faculdade Mogiana do Estado de São Paulo - UNIMOGI – País; Brasil E-mail: patriciarosendo321@gmail.com*

2. *Fisioterapeuta, Mestra e Doutoranda em Saúde, Interdisciplinaridade e Reabilitação - UNICAMP; Brasil E-mail: profrenatafrezza@unimogi.edu.br*

#### RESUMO

A pandemia trouxe muitas mudanças e as famílias precisou se adaptar ao novo contexto diante disso este estudo descritivo com abordagem qualitativa e quantitativa, objetivou analisar como a participação familiar impactou/auxiliou no desempenho motor de crianças com deficiência física frente a pandemia Covid-19. Os dados foram coletados com sete mães e sete profissionais da fisioterapia infantil, por meio de formulário semiestruturado disponibilizado na plataforma Google Forms. Foi observado a relevância dos pais para o desenvolvimento e desempenho das crianças deficientes, aplicando os exercícios e alongamentos indicados pelo profissional, e que apesar das dificuldades impostas pela pandemia e isolamento social as famílias se dedicaram na execução das atividades. A pesquisa mostrou como é exaustiva a rotina de uma mãe de criança deficiente e como o apoio familiar é importante. Apontou também o ponto de vista dos fisioterapeutas, de como foi difícil esse período e de como a dedicação da família foi importante para manter o desempenho motor das crianças através das atividades feitas em casa por eles.

**Palavras-chave:** Deficiência física; Desenvolvimento infantil; Família; Criança.

#### ABSTRACT

The pandemic brought many changes and families had to adapt to the new context. This descriptive study with a qualitative and quantitative approach aimed to analyze how family participation impacted/helped the motor performance of children with physical disabilities in the face of the pandemic Covid-19. Data were collected from seven mothers and seven child physiotherapy professionals, using a semi-structured form available on the Google Forms platform. The relevance of parents for the development and performance of disabled children was observed, applying the exercises and stretching indicated by the professional, and that despite the difficulties imposed by the pandemic and social isolation, the families dedicated themselves to carrying out the activities. The research showed how exhausting the routine of a mother of a disabled child is and how important family support is. It also pointed out the physiotherapists' point of view, of how difficult this period was and how the family's dedication was important to maintain the children's motor performance through the activities they performed at home.

**Keywords:** Physical disability; Child development; Family; children.

Recebimento dos originais: 04/01/2022.

Aceitação para publicação: 11/03/2022.

## INTRODUÇÃO

O termo deficiência engloba todos os tipos de alterações, sejam elas auditivas, visuais, cognitivas ou físicas. Em determinado momento da história, de acordo com a visão religiosa da época, poderia ser um símbolo tanto do pecado quanto de uma benção divina, até a evolução científica e biomédica modificar este pensamento (MELO, 2019).

De acordo com Diniz; Barbosa; Santos (2009, apud MELO 2019), as disfunções deixaram de ser “culpa do pecado ou do azar” e passaram a ser explicadas pela genética, embriologia, doenças degenerativas, acidentes e o próprio processo natural do envelhecimento. Assim, o olhar médico marcou a transição entre normal e patológico no campo da deficiência.

Atualmente, segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde, 2011), deficiência é a perda ou anormalidade de estruturas ou funções psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. A deficiência física então, é definida como uma limitação, perda total ou parcial dos movimentos, em diferentes graus de causas variadas, em que há comprometimento da mobilidade, coordenação e equilíbrio (MUNICH, 2017).

Quando uma família recebe a notícia que terá um filho com deficiência ou mesmo adquiriu/desenvolveu ou ainda inesperadamente nasceu com ela, várias mudanças podem acontecer dentro da dinâmica familiar. Uma criança com comprometimentos físicos requer cuidados e atenção especial, logo, todos os envolvidos, em algum momento, precisarão readaptar suas rotinas afim de cumprir suas tarefas e cuidados, os quais demandam tempo, dedicação, paciência e compreensão (MELO, 2019; DIAS *et al*, 2019; CERQUEIRA-SILVA E DESSEN, 2018).

Neste contexto, os pais experienciam muitos sentimentos negativos e adversos como a culpa, vergonha e frustração em relação as expectativas que eles alimentavam. Muitos demoram para entender a condição de seu filho, mas, aos poucos, surge a esperança e a aceitação e eles passam a enfrentar os problemas de forma mais realista, evitando atitudes de rejeição ou superproteção buscando os meios necessários para as intervenções em relação a deficiência, pais que não aceitam a deficiência de seu filho acabam expondo ainda mais essa criança, tornando o desenvolvimento defasado com estimulação reduzida (MARQUES, 2021).

Estudos demonstraram que o cuidador principal na maioria dos casos é a mãe, enquanto a figura do pai é a do trabalhador remunerado que provém o lar. Entretanto, diante da sobrecarga física e emocional, esses cuidados se estendem a todos da família, pai, irmãos, tios e avós, e o papel de cada um é tão importante quanto o da mãe para o desenvolvimento e aprendizado da criança em questão (MELO, 2019; SOUZA e KNOBEL, 2019; DANTAS *et al*, 2012).

Sabe-se que apesar da existência de diversos sistemas sociais que contribuem para o desenvolvimento da criança, as relações estabelecidas no meio familiar são as mais significativas. A participação nas atividades cotidianas com os pais auxilia no desenvolvimento motor e cognitivo; algumas famílias não têm essa participação por falta de tempo ou dificuldade de planejamento, o que interfere negativamente no desempenho da independência e autonomia da criança (AZEVEDO e DELLA BARBA, 2017).

Na cidade de Wuhan, província de Hubei, na República Popular da China em 31 de dezembro de 2019, a OMS foi alertada sobre vários casos de pneumonia e mais tarde constatou-se que se tratava de uma nova cepa de coronavírus, até então não identificada em seres humanos. Em 7 de janeiro de 2020, as autoridades chinesas confirmaram a existência do novo tipo de

coronavírus e, em 11 de março do mesmo ano, a COVID-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia (OPAS, 2020).

Devido à velocidade de transmissão e gravidade do vírus, adotou-se o isolamento e distanciamento social como estratégia no controle da disseminação buscando diminuir a contaminação. Apesar de protetivas, tais medidas trouxeram grandes impactos para a população, como o aumento acentuado da sobrecarga física e mental (LINHARES e ENUMO, 2021).

Grande parte da população passou a realizar o trabalho de casa, o chamado *home office*, e esse novo cenário exigiu uma reorganização tanto do ambiente físico, a fim de acomodar as novas demandas de trabalho, estudo, lazer e brincadeiras, quanto da convivência familiar, em que os membros passaram a conviver mais próximos por longos períodos devido à suspensão das rotinas externas, como por exemplo ir à escola (LINHARES e ENUMO, 2021).

Outro impacto importante foi a redução, ou até mesmo a suspensão, dos atendimentos fisioterapêuticos das crianças com deficiência, o que implicou na necessidade de os cuidadores terem que aprender a realizar algumas das atividades e exercícios pra que elas não ficassem totalmente sem assistência (LINHARES e ENUMO, 2021).

Frente a essa situação, o presente artigo buscou avaliar como é a estimulação e apoio dos pais e familiares na atenção com a criança com deficiência física no ambiente domiciliar. O objetivo principal foi analisar como a participação familiar impactou/auxiliou no desempenho motor de crianças com deficiência física frente a pandemia Covid-19, além de tentar elucidar como foram os estímulos aplicados durante a pandemia sem auxílio presencial do profissional e apontar qual a visão do profissional em relação a aplicação de exercícios e atividades em casa.

## METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa e quantitativa no qual foi utilizado como instrumento de coleta de dados, um questionário semiestruturado aplicado a pais e/ou cuidadores de crianças com deficiência bem como à fisioterapeutas. O instrumento incluía questões a respeito da participação da família no cuidado com essas crianças durante a pandemia Covid-19, além do vínculo com profissionais e adesão às orientações recebidas nesse período.

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Unimogi (CEP) sob parecer número 202.115

Os participantes foram selecionados através da rede social Instagram com envio de um convite explicativo sobre o estudo. Os interessados enviaram uma mensagem de texto afirmando seu interesse em participar da pesquisa e em seguida receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) cumprindo as exigências da resolução 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e na Diretriz 12 das Diretrizes Éticas Internacionais para Pesquisas Biomédicas Envolvendo Seres Humanos (CIOMS/93). O processo de consentimento aconteceu da seguinte forma: o link do questionário eletrônico e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi enviado via (redes sociais, e-mails ...) aos pais/cuidadores e profissionais de fisioterapia. Foram incluídos participantes com idade maior ou igual a 18 anos, pais e/ou cuidadores de crianças com deficiência física com idade entre 0 e 10 anos e fisioterapeutas que atuam com reabilitação. Foram excluídos

indivíduos que não assinaram o TCLE, crianças com outros tipos de deficiência e profissionais sem registro no CREFITO ativo.

O questionário destinado aos pais/cuidadores continha questões de múltipla escolha e abertas, envolvendo dados pessoais de identificação como data de nascimento, idade, diagnóstico e relacionadas às terapias realizadas ou não durante a pandemia, além de aspectos relacionados a rotina dessas crianças.

Enquanto que o destinado aos profissionais de fisioterapia contava com questões relacionadas à participação dos familiares nesse período de Pandemia Covid 19. Ambos disponibilizados pela plataforma Google através da ferramenta “Forms”, com o link de acesso, pais:

<https://docs.google.com/forms/d/1S8Aib2kl4Y7MKOYE4EQyqbENq2Pw5HTZ5otS-RIASe8/edit>; e o link do questionário direcionado aos profissionais fisioterapeutas em neurologia pediátrica:

<https://docs.google.com/forms/d/1M8rVB3NqARHgNi886AK8vYB7YVdMH0RKpGuKQqdQbRo/edit>

Após a coleta, os dados foram tabulados, categorizados e digitados no banco de dados do programa Microsoft Office Excel. Posteriormente a análise dos dados constituirá na exploração descritiva das variáveis estudadas (média e desvio-padrão) e no cálculo das prevalências (n e porcentagem). Para todos os tratamentos foi adotado um nível de significância de  $p < 0,05$ .

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na categoria pais e/ou cuidadores, 09 indivíduos demonstraram interesse em participar da pesquisa, porém apenas 07 se enquadravam nos critérios de inclusão da pesquisa e responderam ao questionário eletrônico. E na categoria dos profissionais teve 07 participantes.

Mantendo a confidencialidade dos dados, os participantes foram identificados como: pais e/ou cuidadores P1 a P7, e fisioterapeutas pediátrico de F1 a F7.

Dos 07 participantes do grupo pais e/ou cuidadores, foi observado que o sexo feminino foi o mais prevalente, contando com 100% das participantes. Azevedo e Della Barba (2017), apontam que as mães são as principais cuidadoras dedicando grande parte do seu tempo para os cuidados da criança e tarefas domésticas. Melo (2019) diz que a principal cuidadora é a mãe e que a mesma necessita da ajuda de terceiros para os cuidados com a criança. Indaga que a família vivencia muitas complexidades como vulnerabilidade, sobrecarga física, mental e sobrecarga das atividades de vida diária devido as necessidades especiais da criança que demandam cuidados específicos, aponta que a família necessita de apoio para responder de forma adequada as necessidades de interdependência do indivíduo. Estas redes sociais de apoio são consideradas a base de relações entre pessoas que estão conectados por laços afetivos e, nelas, ocorrem trocas subjetivas e objetivas, que as tornam reais.

A idade média foi de 34,71 anos, sendo a mínima 28 e a máxima 47 anos. A profissão/função prevalente foi “do lar”.

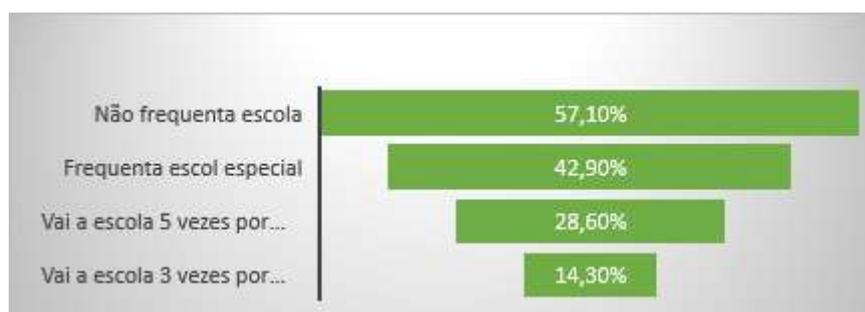
Considerando as crianças do estudo, segundo os dados informados pelos responsáveis, apresentam idade média de 3,61 anos, sendo a mínima de 2 e máxima de 8 anos. A patologia mais frequente foi a mielomeningocele, conforme demonstra a tabela 1.

Tabela 1 – Caracterização dos pais/cuidadores

Participantes	Idade Cuidador	Profissão	Idade Crianças	Diagnóstico
P1	28 anos	Mãe em tempo integral	2 anos 9 meses	Nasceu com mielomeningocele e hidrocefalia
P2	38 anos	Publicitária	2 anos e 3 meses	Mielomeningoceli e hidrocefalia
P3	47 anos	Do lar	3 anos	Síndrome de down
P4	26 anos	Gestora de RH (sem exercer)	2 anos	Mielomeningocele
P5	31 anos	Dona de casa	2 anos e 11 meses	Mielomeningocele
P6	29 anos	Técnica de enfermagem	8 anos	Hidrocefalia congênita
P7	44 anos	Professora	5 anos	Atraso no desenvolvimento psicomotor

Em relação à escolaridade das crianças, 57,1% não frequenta escola, esta porcentagem está alta devido a idade das crianças, pois a maioria dos participantes tem menos de 3 anos, e os outros 42,9% frequentam escola especial, sendo que, destes 28,6% vão à escola cinco vezes por semana e 14,3% apenas três vezes na semana. Os dados referentes a estes aspectos estão demonstrados no Gráfico 1 a seguir.

Gráfico 1 – Escolaridade das crianças



Uma das perguntas direcionadas aos pais e/ou cuidadores fez referência ao momento do diagnóstico. Com exceção do P7 todos os outros foram diagnosticados durante a gestação. P7 relata que: *“Por volta dos 2 anos começamos a investigação, mas não fechamos o diagnóstico ainda”*. Segundo Munich (2017), muitas deficiências podem ser identificadas na gestação através do pré-natal e nos casos onde há indícios de anormalidades pede-se exames complementares para detectar a presença de má-formação, síndromes e infecções. Outras deficiências podem ocorrer devido a acontecimentos externos na hora do parto, como parto prematuro ou demorado, e ainda existem os fatores que podem ocorrer mais tarde, como traumatismos, infecções, tumores e outros. Lino (2020), traz em seu estudo que no Brasil há uma estimativa de que 10% das crianças nascem ou adquirem algum tipo de deficiência ao longo da vida que podem ser físicas, auditiva, visual, intelectual ou múltipla, que estas podem desencadear limitações de funções e dependência de mecanismos compensatórios.

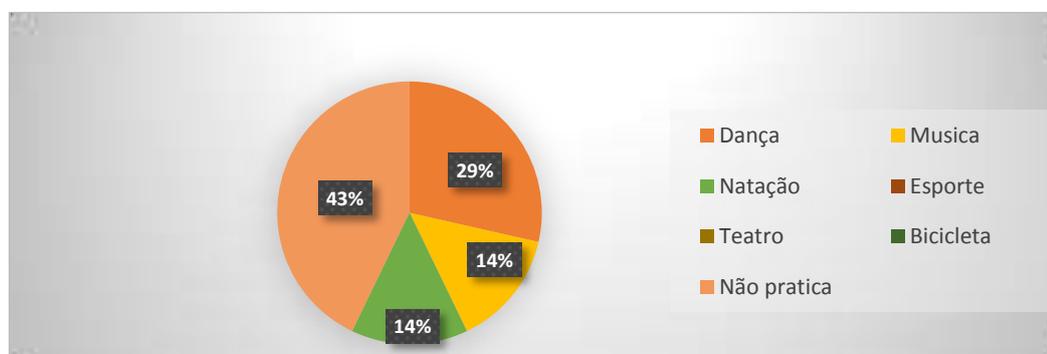
Quando questionados sobre as dificuldades observadas nas crianças *“O que você vê de maiores dificuldades em seu filho”*, as respostas foram: dificuldade motora; comunicação; convívio com outras crianças e quantidade de estímulos que a criança precisa.

Sabemos que a rotina da família de uma criança com deficiência acaba sendo mais conturbada por conta das atividades e atenção de demanda da mesma. Sabendo disso os responsáveis foram questionados: *“Fale da rotina do seu filho”*. As mães relatam ter uma rotina

exaustiva com pouco tempo livre para lazer. P4 diz “... faz terapias de segunda à sexta (fisioterapia motora, hidroterapia, equoterapia e eletroestimulação pélvica), faz cateterismo intermitente a cada quatro horas por cinco vezes ao dia... mais consultas de rotina como neurologista, pediatra geneticista, urologista e ortopedista (as consultas são todas fora da minha cidade). Uma rotina pesada e intensa, mas de grande valia para a qualidade de vida dela! Hoje, eu (mãe) vivo o tempo inteiro para ela”. Dantas (2019), explica que o ônus dos cuidados para a criança deficiente recai fortemente sobre a genitora, configurando como uma tarefa exaustiva e geradora de sobrecarga, e que esta sobrecarga não é só por conta dos cuidados que a criança necessita, mas também dos sentimentos que acompanham estas mães, tais como preocupação, culpa, desconhecimento e impotência.

O Gráfico 2 apresenta a relação da criança com a prática de alguma atividade extra além da escola, 43% das crianças não pratica nenhuma atividade, 29% faz aulas de dança, 14% natação e 14% música. Vieira (2018) aponta em seu estudo que pessoas com deficiência comparados com pessoas sem deficiência apresentam um nível de envolvimento menor com atividades físicas, e indica que a prática de atividades físicas proporciona melhoras significativas na qualidade de vida e diminuição na ocorrência de problemas secundários a deficiência, que o sedentarismo está associado a deterioração de suas capacidades físicas e motoras, além da dependência de terceiros e dificuldades de interação. Ou seja, muitas crianças deixam de praticar alguma atividade extra como dança, natação, teatro e outros por conta das dificuldades estabelecidas pela deficiência, por outro lado aquelas que praticam tem um melhor desempenho de suas capacidades e qualidade de vida.

Gráfico 2 – Atividades Extras Além da Escola



O brincar é de extrema importância para as crianças, mas nem sempre pais e/ou cuidadores sabem como e quando isso pode acontecer. Ao serem questionados “Seu filho(a) tem o hábito de brincar?”, 100% respondeu que a criança brinca e que as brincadeiras são diversas, como qualquer outra criança e sobre a relação da criança com a família, todos relataram ter boa relação com amor, carinho e cuidado; três participantes têm filho único e os outros têm irmãos.

Também foi questionado sobre o vínculo da família com o fisioterapeuta e as terapias já abordadas e, neste aspecto, todos referem ter um bom relacionamento e serem bem orientadas. P4 diz “Somos muito próximos com todos os terapeutas. Todas as dúvidas que temos ou que pensamos em algo, levamos para eles, e eles orientam, explicam e sempre estão juntos.” Entre as terapias abordadas, estão Bobath, Therasuit, força muscular, motora, hidroterapia, equoterapia,

eletroestimulação pélvica e respiratória. Sobre a continuidade se já foram ou são orientado quanto as atividades realizadas em terapia, 100% dos entrevistados afirmam que sim.

Em relação à frequência de aplicação das atividades, “Conseguem realizar as atividades com que frequência?”, apenas uma participante diz não conseguir aplicar; as demais respostas foram de três à cinco vezes por semana: P7 *“Aproveito o momento do brincar para reforçar as terapias, mas não tenho um horário planejado diariamente.”*

Também foi questionado sobre o uso de órteses, próteses e meios auxiliares, sendo as respostas: parapódio, tutor, calça de apoio, faixa de sustentação, tala e colete postural; alguns responderam apenas órtese, sem maiores especificações.

Em relação ao acompanhamento da fisioterapia durante a pandemia, “Durante a pandemia teve acompanhamento da fisioterapia? Como foi esse atendimento?”, apenas uma relatou não ter tido atendimento, uma diz ter continuado normalmente e os outros tiveram atendimento remoto com retorno gradual ao atendimento presencial: P7 *“Foi suspenso por um período, depois voltou gradualmente seguindo todos os protocolos de segurança, foram bons, mas o distanciamento criou barreiras que dificultam o vínculo emocional que tanto beneficia o paciente.”*

Quando questionados se a pandemia impactou no desenvolvimento da criança, as mães relataram atraso no desenvolvimento motor, falta de socialização, frustração, irritação e ansiedade como agravantes. P1 *“Atrapalhou muito porque, como mãe, eu não fazia a fisioterapia da forma correta em casa, sempre errava algo. Fora a falta de socialização que deixava ela meio estressada.”* Linhares (2020) diz que o distanciamento social trouxe novos e grandes desafios para as famílias, como por exemplo ausência da rotina de ir a escolas participar dos núcleos assistenciais, esporte e lazer; a convivência próxima por longos períodos de tempo; trabalho remoto realizado pelos pais; rearranjo do ambiente físico para acomodar as demandas de trabalho, estudo e brincadeiras; sobrecarga de trabalho doméstico; instabilidade no emprego, e problemas financeiros; falta ou irregularidade do suporte regular dos serviços de saúde, o autor ainda afirma que eventos históricos podem atuar de forma positiva ou negativa no desenvolvimento dos seres humanos tanto individual quanto do ponto de vista populacional, a pandemia causada pela COVID 19, vem testando os limites humanos, provocando um contexto caótico e altamente estressante que reflete no sistema familiar e no desenvolvimento das crianças.

Por fim, sobre as expectativas em relação ao desenvolvimento neuropsicomotor e quanto os pais tem contribuído efetivamente para alcançar, as respostas mostraram que as mães se esforçam ao máximo para o desenvolvimento da criança e que fomentam expectativas em relação aos movimentos e autonomia: P2 *“Minhas expectativas aumentam cada vez que ele faz um pequeno progresso que seja. A gente consegue enxergar o esforço e a vontade dele cada vez que ele faz um movimento, que ele ganha força e tônus muscular, todas as vezes que os terapeutas elogiam. Antes eu não tinha muita esperança que ele pudesse algum dia andar, hoje eu já consigo ver ele cada dia mais feliz quando fica em pé.”*

Na categoria profissionais de fisioterapia, 07 profissionais concluíram o questionário. O questionário foi iniciado se referindo aos atendimentos durante a pandemia. Os profissionais relatam que foi desafiador e complicado no início, que muitos atendimentos passaram a ser

online e houve desistência de pacientes. F1 *“No início como tudo ainda era incerto, muitos pais acabaram abandonando o tratamento ou reduzindo a frequência para evitar sair de casa e isso acabou afetando os ganhos motores e aquisições.”*

Em seguida abordamos a colaboração da família durante o período de pandemia na realização das orientações em domicílio, as respostas foram positivas, sendo 85,7% afirmando a participação, conforme gráfico abaixo.

Gráfico 3 – Realização das orientações em domicílio



Na perspectiva dos profissionais as maiores dificuldades dos pais nos cuidados com a criança durante a pandemia-foram realizar as atividades com tempo favorável, medo em relação a exposição dos filhos, ir aos atendimentos mesmo correndo riscos, conciliar os estímulos com todas as outras terapias e o manuseio correto da criança. F3 *“Conseguir dar conta do trabalho, as questões da casa e tenta as estimulavam solicitada pelos terapeutas, já que a maioria das crianças fazem várias terapias”.*

Foi questionado se a criança que é estimulada, alongada e exercitada em casa apresenta melhores resultados, 85,7% das entrevistas atribuíram melhores resultados devido ao conhecimento ou reconhecimento de sua importância no desenvolvimento da criança e 14,3 assinalaram que sim, por conta de estar no espaço em que ela tem maior segurança.

Gráfica 4 – Estimulação em casa



Foi perguntado se na opinião do profissional o momento vivido pela Pandemia influenciou no desenvolvimento/desempenho/reabilitação das crianças, 100% dos entrevistados afirmam que a pandemia influenciou no desenvolvimento, desempenho e reabilitação das crianças, por ser uma questão alternativa continha apenas sim e não, sem maiores especificações.

Por fim questionou-se se a criança que é acompanhada pelos familiares, dando continuidade nas orientações em domicílio, demonstraram melhores resultados. Os profissionais foram unânimes em dizer que sim, que o tratamento se estende além da clínica, que a família complementa o tratamento. F1 *“Temos que lembrar que os pais não são terapeutas! Porém sempre digo que a criança faz 1h de Fisio por semana e nas demais horas quem deve seguir as orientações são os pais para que os ganhos continuem fora do ambiente da terapia. Além disso, já sabemos que pais engajados no tratamento dos filhos são mais participativos das terapias e buscam melhores recursos para promover uma reabilitação de qualidade”*. (CERQUEIRA-SILVA E DESSEN, 2018), aponta que a família é um ambiente sustentador, e que esses ambientes oferecem melhores oportunidades para o desenvolvimento do sistema nervoso, suprindo as necessidades físicas, emocionais e de segurança que a criança precisa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contexto pandêmico e o isolamento intensificaram a separação entre as pessoas e impactou diretamente no desenvolvimento de crianças com deficiência física, diante deste contexto a participação dos pais foi fundamental na continuidade das atividades em casa. Essa pesquisa possibilitou através dos relatos reconhecer que mesmo diante das inúmeras dificuldades os pais tem sido proativos buscando sempre oferecer o melhor possível para o desempenho de seus filhos. Foi visto que o cuidador principal é a mãe, e que esta enfrenta uma rotina exaustiva por conta dos cuidados especiais que seu filho necessita, e apesar do cansaço a mãe com apoio da família colocaram em pratica as indicações dos profissionais para alongamentos e exercícios em casa.

A partir dos relatos dos profissionais é possível observar que as atividades e estímulos aplicados pela família em casa teve impacto positivo no desenvolvimento, pois o tratamento em casa é uma extensão do que é feito na clínica.

É necessário a realização de um aprofundamento sobre a temática abordada, pois há poucos estudos na literatura. Como se trata de uma pandemia sem precedentes considera-se necessário novos estudos.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, T. L.; DELLA BARBA, P. C. S. Avaliação da estimulação e apoio no ambiente familiar oferecido a criança com paralisia cerebral. Revista de Terapia Ocupacional da Universidade de São Paulo, v. 28i2, p. 198-205.2017. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rto/article/view/120300>> Acesso em: janeiro 11, 2021.
- CERQUEIRA-SILVA, S.; DESSEN, M. A. Programas de Educação Familiar para famílias de crianças com deficiência: uma proposta promissora. Contextos Clínicos, São Leopoldo, v.11, n.1, p.59-71, junho. 2018. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-34822018000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-34822018000100006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: fevereiro 06, 2021

- DANTAS, M. S. A; PONTES, J. F; ASSIS, W. D; COLLET; N. Facilidades e dificuldades da família no cuidado à criança com paralisia cerebral. Rev Gaúcha Enferm., Porto Alegre- RS, v. 33, n. 3, p. 73-80, setembro 2012. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472012000300010&script=sci\\_arttext](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1983-14472012000300010&script=sci_arttext)>. Acesso em: fevereiro 07, 2021
- DIAS, B. C.; ISHISATO, S. M. T.; MARCHETI, M. A.; HIGARASHI, I. H.; MARCON, S. S. Desafios de cuidadores familiares de crianças com necessidades de cuidados múltiplos, complexos e contínuos em domicílio. Escola Anna Nery, Rio de Janeiro, v.23, n. 1, 2019. Disponível em: <[https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452019000100221&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-81452019000100221&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: janeiro 11, 2021.
- DINIZ, D.; BARBOSA, L.; SANTOS, W.R. Deficiência, direitos humanos e justiça. Sur, Rev. int. direitos human., São Paulo, v. 6, n. 11, p. 64-77, dezembro. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1806-64452009000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-64452009000200004)>. Acesso em: fevereiro 08, 2021.
- LINHARES, M. B. M.; ENUMO, S. R. F. Reflexões baseadas na Psicologia sobre efeitos da pandemia COVID-19 no desenvolvimento infantil. Estudos de Psicologia, Campinas – SP.2020. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200089>>. Acesso em: fevereiro 11, 2021
- LINO, I. G. T.; TESTON, E. F.; MARCON, S. S.; ANDRADE, S. M. O.; MARQUES, F. R. B.; REIS, P.; MARCHETI, M. A.; Desafios para o cuidado as famílias de crianças com deficiência na atenção primária a saúde. Reme Revista Mineira de Enfermagem, v.24, abril. 2020. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/1512>>. Acesso em: janeiro 11, 2021.
- MARQUES, L. P. Reações familiares diante da criança em situação de deficiência. Educação e Formação, Fortaleza - CE, v. 4, n. 12, p. 67-81. 2019. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/335317828\\_Reacoes\\_familiares\\_diante\\_da\\_crianca\\_em\\_situacao\\_de\\_deficiencia/citation/download](https://www.researchgate.net/publication/335317828_Reacoes_familiares_diante_da_crianca_em_situacao_de_deficiencia/citation/download)>. Acesso em: fevereiro 11, 2021.
- MELO, E. S. Famílias de crianças com deficiência: a vivência do diagnóstico ao processo de reabilitação. 2019. 87f. Dissertação (Mestrado em Saúde da Família) - Programa de Pós-Graduação em Saúde da Família, Universidade Federal do Ceará, Sobral. Julho 2019. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/46111>>. Acesso em: fevereiro 06, 2021.
- MUNICH, R. S. Sentimentos e diagnósticos: trajetórias de famílias com crianças com deficiência em busca de conhecimento, de profissionais e tratamentos. Trabalho de conclusão de curso de licenciatura de educação física. Repositório Institucional UFSC, Florianópolis-SC, junho 2017. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/177959>>. Acesso em: fevereiro 06, 2021.
- OMS - Organização Mundial da Saúde. (2011). Relatório Mundial Sobre Deficiência. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020\\_por.pdf;jsessionid=5071962645BF7C1A0CA2ADC55505E054?sequence=4](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=5071962645BF7C1A0CA2ADC55505E054?sequence=4). [Acesso em: fevereiro 08, 2021]
- OPAS - Organização Pan-Americana de Saúde. (2020). Histórico da Pandemia Covid-19. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. [Acesso em: fevereiro 11, 2021]
- SOUZA, J. S.; KNOBEL, K. A. B. Guia ilustrado de orientações a cuidadores de crianças com deficiências neuromotoras. Conscientiae Saúde, Campinas-SP, capa, v. 18, número 1, 2019. Disponível em: <<https://periodicos.uninove.br/saude/article/view/8617>>. Acesso em: fevereiro 06, 2021.
- VIEIRA, M. C. A natação para a pessoa com deficiência: oferecimento e envolvimento de programas em Campinas e região. Educ. Fis., Esporte e Saúde, Campinas – SP, v. 16, n. 2, p. 199-212, abr/jun. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8650641>>. Acesso em: agosto 26, 2021.